

Por que Forças Terrestres de Médio Porte?

John Gordon IV, e Peter A. Wilson

Traduzido da revista *Army*, dezembro de 1999

A habilidade de projetar forças letais — no ar, no mar ou na terra — será essencial. Para esse fim, nossa habilidade de projetar poder de combate em qualquer parte do mundo irá exigir nova tecnologia, novos conceitos operacionais e a capacidade de encarar novos desafios. O primeiro destes é a necessidade de reduzir consideravelmente a estrutura de apoio à retaguarda, através da organização de menores, porém mais capazes tropas de ataque, apoiadas por um elemento logístico ainda menor. Os desafios prioritários irão também incluir uma melhor resposta militar, caracterizada pelo maior alcance no emprego e resultando num menor tempo de exposição de nossas forças.

— *Transformando a Defesa: A Segurança Nacional no Século XXI*
Relatório do Painel de Defesa Nacional,
Dezembro de 1997

MUDANÇAS são geralmente difíceis para as organizações militares. Conservadoras e adversas ao risco por natureza, mudanças significativas em seu modo de proceder podem ser difíceis para as forças armadas de qualquer nação, particularmente quando elas são consideradas como sendo bem-sucedidas. Dada a surpreendente transformação pós-Vietnã ocorrida no Exército dos EUA, é natural que a organização sintasse orgulhosa de suas recentes realizações e tenha ceticismo quanto à necessidade de maiores modificações. Porém, a necessidade de mudanças chegou.

O Exército dos anos 50 até o final dos 80 foi orientado no sentido de deter adversários no terreno da Eurásia. Esse Exército podia projetar seu equipamento principal com o conhecimento de que as forças pré-posicionadas estariam em áreas de vital interesse nacional. Deslocar unidades para as áreas de combate possivelmente mais desafiantes não constituía maior preocupação, uma vez

que a maior parte do equipamento já se encontrava em posição.

A Guerra do Golfo Pérsico, em 1991, e as operações na Somália e nos Bálcãs mostraram que muita coisa mudou desde a Guerra Fria. Os planejadores do Exército já não podem mais contar com operações em áreas onde os Estados Unidos têm forças ou equipamentos pré-posicionados, o que foi aprendido com o moroso deslocamento para o Golfo Pérsico. Em razão disso já existem conjuntos de equipamentos pré-posicionados na costa ou embarcados, na Ásia e no Oriente Médio. Entretanto, a recente crise em Kosovo claramente demonstra que o Exército continua tendo que melhorar o seu desdobramento.

Apesar de que o Exército possa tomar várias linhas de ação de agora até o fim da próxima década, para proporcionar um desdobramento poderoso e rápido de suas forças aos futuros comandantes de forças conjuntas, o enfoque mais imediato deve ser na criação de forças médias. A disponibilidade de muitos blindados leves, comando e controle, e sistemas de apoio de fogo, poderá facilitar a criação de uma infantaria motorizada e de organizações leves de blindados, com excelente mobilidade estratégica e de teatro, e dramático aumento no poder de combate. O Exército não tem necessidade de esperar 20 anos para obter tecnologias avançadas similares àquelas apresentadas pelo Exército Após o Próximo. Além disso, pode efetivamente utilizar a curto prazo meios de transporte aéreo da Força Aérea dos EUA. Dada a atual percepção de que a habilidade do Exército em empregar rapidamente forças poderosas a curto prazo é limitada, a Força não pode esperar pela promessa da chegada de unidades médias futurísticas de alta tecnologia, desde agora até o ano 2020.

Este conceito de inovação deveria ocupar-se com a atual falha estrutural do Exército. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o Exército tem-se constituído ou de

infantaria leve, geralmente a pé, ou de infantaria mecanizada de blindagem pesada, e de unidades de cavalaria blindada. No presente, a postura da força ativa do Exército tem dois tipos básicos de organizações: divisões leves (a 82ª Divisão Aeroterrestre e duas divisões de infantaria leve), com pouca mobilidade veicular, nenhuma proteção blindada e um modesto poder de fogo orgânico; e divisões de infantaria mecanizada, com blindagem pesada (num total de seis) e dois *regiments** de cavalaria blindada. Estas últimas unidades têm substancial poder de combate mas são volumosas para percorrer

Foto: Departamento de Defesa



LAV (Viatura Blindada Leve)

distâncias estratégicas e operacionais, particularmente em regiões sem o benefício de equipamento já pré-posicionado. Falando de maneira simples, o Exército tem uma estrutura tipo “halteres” (ou muito leve ou muito pesada).

Apesar de que houver numerosos experimentos em configurações alternativas desde o final da Segunda Guerra Mundial, a atual postura de divisões leves e pesadas — a 101ª Divisão Aeroterrestre (Assalto Aéreo) é uma espécie de exceção — tem persistido, com vários grandes avanços em tecnologia militar e assuntos geoestratégicos. Somente durante a década de 80 o Exército estudou o conceito de uma força média, a 9ª Divisão de Infantaria (Motorizada). Infelizmente, o conceito morreu depois que os líderes do Exército se recusaram a investir em qualquer viatura de combate blindada leve que pudesse ser aerotransportada. Além disso, o conceito da 9ª Divisão ficou entre as duas escolas de apoio: a Escola de Infantaria e a de Blindados — uma questão de prudência para aqueles que defendiam qualquer conceito futuro de médio porte. A 101ª Divisão Aeroterrestre e o 2º *Regiment* de Cavalaria Blindada representam um início para uma formação de médio porte, porém ambas as organizações carecem de vários elementos essenciais para uma formação como essa.

Durante quase todo o período da Guerra Fria, a estrutura tipo “halteres” do Exército serviu bem. A maior ameaça estava, naturalmente, na Europa, onde muitas unidades pesadas podiam ser pré-posicionadas. O transporte estratégico dessas unidades não era um problema maior, uma vez que se encontravam onde iriam lutar. Já o papel das unidades leves era essencialmente operar

em áreas fora da Europa ou da Coreia, onde a ameaça era vista como sendo bem menos sofisticada.

Supõe-se que durante as próximas duas décadas os Estados Unidos e seus aliados não terão que enfrentar um adversário militar de porte, nem um conjunto de países capazes de uma ameaça de sucesso contra nossos interesses vitais, utilizando forças de armas combinadas convencionais. Isto porém não significa que algum adversário regional não possa alcançar algum sucesso a curto prazo empregando uma ousada ofensiva. O Iraque o fez com forças blindadas e mecanizadas tradicionais em sua invasão do Kuwait, e a Sérvia demonstrou, com criatividade, outro meio de agressão através de uma deportação étnica em massa, em Kosovo.

Uma mudança importante que ocorreu durante as duas ou três últimas décadas foi o aumento considerável na quantidade e capacidade do equipamento disponível para possíveis adversários, no Terceiro Mundo. Os exércitos do Terceiro Mundo, geralmente dotados de infantaria das décadas de 50 e 60 “restauradas”, já estão bem mais armados, com um maior número de viaturas blindadas, poderosa artilharia e poderosas armas de defesa antiaérea. Nesse ínterim, as divisões leves de rápido emprego do Exército dos EUA têm permanecido geralmente com mobilidade a pé, sem blindagem, com artilharia de curto alcance e limitada capacidade ofensiva. Não é difícil perceber porque os líderes adversos a baixas relutam em empregar tais unidades em situações hostis.

Futuros predadores regionais podem reforçar suas capacidades com uma ameaça hábil ou o próprio emprego de armas químicas, biológicas e nucleares (QBN) — uma possibilidade descrita como um cenário plausível de um Teatro de Guerra Convencional (*Major Theater War* — *MTW*), pela Revisão Quadrienal da Defesa e

* *Armored Cavalry Regiments* são grandes unidades do Exército dos EUA, com organização semelhante a uma brigada de cavalaria blindada. — *Nota da Editora Brasileira.*

pelo Painel de Defesa Nacional de 1997 (*1997 Quadrennial Defense Review and National Defense Panel*). Além disso, futuros adversários provavelmente terão grande variedade de mísseis balísticos e de cruzeiro de longo alcance, armados com avançadas armas QBN e munições convencionais. Ao colocar as forças expedicionárias dos Estados Unidos e as aliadas sob ameaça de um “leque” de artilharia de longo alcance, a liderança política dos Estados Unidos e dos aliados poderão concluir que o custo de uma intervenção militar poderá ser demasiado alto, particularmente se for determinado que o desdobramento de um grande número de forças terrestres será um processo demorado.

As forças de médio porte deverão proporcionar maior capacidade que as unidades leves atuais, sem demandarem um tempo tão longo para serem aerotransportadas, como as forças pesadas de hoje. Em algumas circunstâncias, as forças médias deverão ser adequadas para completar a missão sem a necessidade do emprego subsequente de forças pesadas.

Esta forte ameaça requer que as futuras forças de armas combinadas dos EUA sejam capazes de um desdobramento rápido num teatro de operações que se encontra sob a sombra da ameaça de mísseis e armas QBN de longo alcance. Os primeiros desdobramentos de forças de combate de alto desempenho durante a crítica fase inicial de uma operação militar poderiam causar um grande impacto na duração e no custo da campanha.

Mais provável do que um teatro de guerra convencional é a possibilidade de que os Estados Unidos sejam confrontados por uma série de crises menores e de operações de contingência de pequena escala. Desde o fim da Guerra Fria, essas menores operações militares, de nenhuma forma estrategicamente insignificantes, têm ocorrido com admirável regularidade em lugares tão diversos quanto o Panamá, Haiti, Somália, Bósnia e Kosovo. Muitas operações futuras provavelmente irão ocorrer em áreas onde os Estados Unidos não têm forças permanentemente estacionadas, nem equipamentos ou infra-estrutura. Muitas dessas futuras operações expedicionárias irão enfrentar forças locais bem armadas, entrincheiradas em ambientes militares adversos tais como florestas, montanhas, selvas e cidades. Essas situações mostram a necessidade de forças terrestres

aerotransportadas com grande mobilidade tática, proteção e poder de fogo — não do mesmo tipo das atuais infantaria leve e forças de operações especiais.

A operação Kosovo mostrou as atuais limitações estruturais do Exército. Se a OTAN tivesse decidido conduzir uma campanha terrestre nesse verão, o Exército teria precisado de meses para desdobrar uma variedade de forças blindadas e mecanizadas. O prolongado desdobramento da Força-Tarefa *Hawk* na Albânia (reconhecendo, naturalmente, que a OTAN no princípio não podia concordar com a opção de uma força terrestre) e o desdobramento durante meses de unidades pesadas na Bósnia, durante o inverno de 95-96, ilustram a dificuldade do desdobramento de forças pesadas em tempo oportuno. No caso de Kosovo, a única alternativa teria sido empregar unidades de infantaria leve e depender muito de helicópteros de ataque e de transporte para conduzir rapidamente qualquer ofensiva terrestre contra as forças armadas iugoslavas em Kosovo. A preocupação com os numerosos e bem escondidos sistemas antiaéreos de baixa altitude e com o grande número de artilharia e morteiros sérvios teria claramente tornado esta decisão muito difícil. Felizmente, a OTAN não teve que encarar essas duras escolhas devido ao colapso da vontade de Slobodan Milosevic, depois de 78 dias de bombardeio aéreo, da aparente retirada do apoio russo e das indicações por parte da OTAN de que um eventual ataque terrestre estava sendo seriamente considerado.

Antes das guerras civis na antiga Iugoslávia, o Exército teve que desdobrar forças leves de emprego inicial em várias situações de muito perigo. O emprego da 82^a Divisão Aeroterrestre como força de “choque rápido” durante as primeiras seis semanas da Operação *Desert Shield* certamente foi uma situação de alto risco. Se várias divisões blindadas e mecanizadas iraquianas tivessem avançado para o norte da Arábia Saudita, as brigadas líderes da 82^a teriam carecido de poder de fogo e proteção para enfrentar uma batalha prolongada; e não teria existido suficiente mobilidade tática para um rápido desengajamento e retirada, caso a batalha não fosse favorável. As baixas sofridas pelas forças de operações especiais e de infantaria leve durante a arremetida do outono de 1993 na Somália exemplificam a vulnerabilidade das forças de infantaria leve, sem proteção blindada, operando num ambiente urbano.

Definição de Forças Médias

A nova orientação relativa às missões expedicionárias do Exército indica a necessidade de uma grande inovação na estrutura e nos conceitos de operações. Essas inovações devem focar na criação, a curto prazo, de brigadas ou divisões de infantaria e cavalaria de médio porte, com blindagem leve. Antes de tudo, as forças médias proporcionam uma outra grande opção para os co-

mandantes de forças conjuntas — uma opção não disponível agora. As forças médias podem constituir-se na organização de força terrestre ideal quando não há disponibilidade de forças pré-posicionadas; quando o adversário está bem armado; e quando unidades de manobra com grande capacidade de mobilidade tática, poder de fogo e proteção razoável são necessárias para conquistar e manter terreno. As forças de médio porte deverão proporcionar maior capacidade que as unidades leves atuais, sem demandarem um tempo tão longo para serem aerotransportadas, como as forças pesadas de hoje. Em algumas circunstâncias, as forças médias deverão ser adequadas para completar a missão sem a necessidade do emprego subsequente de forças pesadas. Em outras circunstâncias mais desafiantes, as forças médias (que podem estar operando com forças leves e/ou de coalizão) poderiam estabelecer condições favoráveis para o subsequente emprego de forças pesadas.

Antes de se discutir as várias opções que o Exército poderia considerar, é interessante fazer uma explanação sobre as muitas características das forças médias. Acreditamos que os fatores essenciais das forças de médio porte sejam:

- **Viaturas Blindadas Leves.** Esta é a característica essencial de uma força de médio porte. A cavalaria e a infantaria motorizada de blindagens leves seriam equipadas com uma variedade de viaturas blindadas leves de combate, que serviriam como plataformas para sistemas de armas e proporcionariam proteção móvel para a infantaria e unidades logísticas. As viaturas devem pesar entre 10 e 20 toneladas. Viaturas sobre rodas são recomendáveis, já que podem proporcionar às unidades de combate uma mobilidade operacional bastante aumentada, com menor fardo logístico do que as viaturas sobre lagartas. O peso de 20 toneladas parece ser o limite superior para as viaturas sobre rodas. O Corpo de Engenheiros do Exército e o Exército da Grã-Bretanha têm demonstrado que as viaturas de combate sobre lagartas apresentam, em média, uma mobilidade superior através do campo, quando pesam aproximadamente de 25 a 30 toneladas. Viaturas sobre rodas, pesando menos de 25 toneladas, geralmente têm mobilidade igual ou superior em quase todos os tipos de terreno.

Qualquer nova família de viaturas deve ser compatí-



Carro de combate alemão Puma

Foto: Truppenfoto

vel com as capacidades de carga e volume do *C-130*, o principal meio de transporte da Força Aérea no teatro. Quando desdobrados por *C-5* ou *C-17*, esta classe de viaturas permitirá que um pelotão inteiro seja transportado numa única aeronave de transporte, ao invés de um único carro de combate principal que é o limite para essas aeronaves. No caso dos *C-5*, a carga também poderá incluir outras viaturas de apoio.

As viaturas blindadas leves previstas aqui devem oferecer proteção contra fogo de armas portáteis, munições de fragmentação de artilharia e morteiros, e armas portáteis anticarro. Futuras inovações tais como blindagens ativas e reativas poderão proporcionar bem maior capacidade de sobrevivência. Adicionalmente, muitas das viaturas blindadas leves atuais permitem receber módulos adicionais de blindagem ao chegarem na área de operações. As restrições de tamanho e volume apresentadas pelos *C-130* poderiam ser superadas, até certo ponto, pelo uso desses módulos adicionais de blindagem. Com inovações como o canhão de recuo suave 105mm, o canhão 120mm e uma variedade de opções de mísseis acoplados à sistemas de controle de fogo de alta qualidade, as atuais viaturas leves blindadas têm a capacidade real de destruir carros de combate principais contemporâneos, contanto que atirem primeiro.

- **Helicópteros de ataque e de transporte.** Espera-se que uma força de porte médio opere sobre grandes áreas durante a fase inicial num teatro de guerra convencional, ou durante muitas operações de contingência de pequena escala. Um importante complemento às viaturas blindadas leves são os helicópteros de ataque e de transporte orgânicos. O papel do helicóptero de ataque é proporcionar reconhecimento e poder de fogo móvel às forças médias. Os

helicópteros de ataque aumentarão significativamente o espaço de batalha dessas unidades hipotéticas. Os helicópteros de transporte e os meios de transporte de teatro da Força Aérea, por sua vez, poderiam facilitar bastante o emprego de mais conceitos logísticos austeros, tal como a “distribuição imediata” de suprimentos às unidades terrestres móveis. O emprego seletivo e criativo do sistema de carga paletizada transportada por caminhão também deve ser enfatizado. Este emprego viria atender a necessidade de reduzir radicalmente a cauda logística dentro do teatro, especialmente durante as fases iniciais em qualquer teatro de guerra convencional de alta intensidade.

- **Armas de precisão de longo alcance.** Uma filosofia operacional para forças médias quando enfrentando oponentes blindados e mecanizados pesados poderia ser atingi-los à longa distância. Um requisito básico seria a integração dos fogos orgânicos de profundidade do Exército com os fogos conjuntos. O Exército pode proporcionar elementos importantes desse apoio de fogo, através de sua emergente variedade de munições e sistemas de artilharia de foguetes de longo alcance. Notáveis são os desenvolvimentos da versão montada em caminhão do sistema de lançadores múltiplos de foguetes, do sistema de foguetes de artilharia de alta mobilidade (*high-mobility artillery rocket system—HIMARKS*), da peça leve de artilharia auto-rebocada 155mm e dos morteiros e canhões 120mm, que estão sendo considerados para serem montados nas viaturas blindadas leves do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Todos estão sendo equipados com uma variedade de munições guiadas anticarro de alta precisão. Não se deve ignorar a grande importância para as forças de médio porte do poder de fogo maciço proporcionado pela Força Aérea e pela Marinha, especialmente durante as fases iniciais de uma operação militar. As futuras unidades de porte médio do Exército deverão ser um complemento ideal para as forças expedicionárias da Força Aérea. Finalmente, talvez seja importante reexaminar a possibilidade de utilização de outros sistemas que o Exército já considerou anteriormente. Em particular poderia ser aproveitado o míssil guiado de longo alcance de fibra óptica num sistema de fogo indireto de precisão montado em viaturas sobre rodas.

- **Comando e Controle e Conhecimento da Situação de Alta Qualidade.** Um elemento-chave no emprego de forças de médio porte é a possibilidade de exploração do conhecimento da situação aperfeiçoado. Os sistemas orgânicos de reconhecimento, tais como as viaturas aéreas não tripuladas e os helicópteros de ataque e patrulha *Comanche*, e a habilidade de acessar vários sistemas conjuntos e nacionais de reconhecimento, proporcionarão este conhecimento da situação. Da mesma forma como é importante poder valer-se do apoio de fogo da Força Aérea e da Marinha, é importante também que as forças de médio porte contem com a possibilidade de utilização intensa dos meios de vigilância, reconhecimento e dos sistemas de comunicações globais e de teatro, para obterem poder de fogo e vantagens adicionais contra forças mais pesadas e superiores em número. Considerando que essas unidades po-

derão ter necessidade de operar num amplo espaço de batalha, pelo menos até que cheguem as unidades de emprego subseqüente, elas necessitarão ter uma capacidade de comando e controle que facilite operações com unidades altamente dispersas. Uma força média poderia ser a força do Exército de emprego inicial numa situação de desafio e ação rápida. Portanto, a força precisará de estruturas e sistemas de comando e controle que possibilitem à mesma explorar os fogos conjuntos proporcionados pela Força Aérea e a Marinha, operar de maneira fácil e integrada com as forças de fuzileiros navais na costa, acessar fontes de informação à retaguarda, e facilitar a interação com outras forças de coalizão. Felizmente, as tendências da tecnologia da informação movem-se nessa direção.

- **Capacidade para executar múltiplas missões.** Uma futura força média deve ser uma organização de armas combinadas. Deve também ser capaz de desempenhar todas as missões normais ofensivas e defensivas executadas pelas atuais forças leves ou pesadas. Apesar de os atuais batalhões blindados leves de reconhecimento do Corpo de Fuzileiros Navais, dotados com a viatura blindada leve (*light armored vehicle*) LAVI, serem capazes de executar muitas missões, eles sofrem limitações. Pelo pequeno tamanho do LAVI, apenas três ou quatro fuzileiros navais podem ser transportados na parte detrás da viatura. Isto limita o número de infantess desembarcados que a unidade de reconhecimento leve pode desdobrar. De fato, os fuzileiros navais referem-se aos elementos desembarcados da unidade de reconhecimento leve como exploradores, já que isso descreve com mais precisão o papel importante que eles desempenham. Uma futura força média do Exército deverá ser capaz de desempenhar toda a gama de tarefas ofensivas e defensivas exigidas pelo comandante.

Uma futura força média seria adequada para operações convencionais de combate num teatro convencional de guerra, assim como operações de estabilidade e apoio, em situações menos desafiantes. Em muitas áreas onde forças dos EUA possam ter que intervir a infra-estrutura local é pobre, limitando a mobilidade de forças pesadas. Uma força dotada de viaturas blindadas de médio porte deve ser capaz de operar em áreas onde o emprego de forças pesadas requereriam um grande apoio de engenharia.

Hoje, a 101ª Divisão Aeroterrestre e o 2º *Regiment* de Cavalaria Blindada possuem alguns dos atributos de uma força média. A 101ª, porém, é limitada em sua habilidade de emprego a grandes distâncias, já que seus helicópteros têm curto alcance, e uma vez no solo a 101ª sofre a falta das viaturas blindadas leves.

Tendo em mente as características das forças médias, um programa real de inovação e investimento para o Exército torna-se plausível.

Opções para Mudança

O Exército pode escolher entre várias linhas de ação para criar uma variedade de forças médias, cada uma com um número de particularidades interrelacionadas. De particular

importância são as questões relacionadas aos prazos requeridos e aos propósitos desejados, para que sejam efetuados os movimentos na direção da obtenção de uma variedade de forças médias.

O atual plano de modernização confere continuidade à atual estrutura tipo “halteres” do Exército. O plano de modernização do Exército comportaria emprego de recursos dentro do modelo atualmente estipulado. Para mudar o enfoque empregado para a modernização contínua das forças pesadas, com um mínimo custo para a atualização das forças de infantaria leve para forças médias, a liderança do Exército vai encarar vários desafios. Haverá, na melhor das hipóteses,

um aumento modesto de recursos para o Exército durante os próximos cinco anos; esta estimativa é feita com base na previsão de que todas as forças armadas poderão se beneficiar do clima político favorável a um aumento nos recursos para a defesa. Por outro lado, é provável que as outras forças armadas procurarão vitimar o Exército durante a próxima revisão quadrienal da defesa — argumentando que o Exército teria menor importância num emprego tipo força expedicionária. Se esse argumento prevalecer cessa o fortalecimento do Exército e a estrutura da Força Ativa não aumentará além das atuais 10 divisões e dois *regiments* de cavalaria blindada.

Também deverá haver uma variação relativa às aquisições e aos desenvolvimentos durante os próximos anos fiscais, na qual a diferença entre os programas planejados e os realmente financiados poderá ocasionar uma lacuna de investimentos de capital na ordem de bilhões de dólares até o ano fiscal 2005. Até mesmo o plano atual de modernização, que não inclui fundos especificamente alocados para as forças médias, será um desafio para implementar.

Ante essas limitações, quais seriam algumas alternativas plausíveis? Horizontes de planejamento de 5, 10 e de 15 a 25 anos devem ser considerados. O Exército definitivamente tem que promover mudanças na próxima década; esperar pela era do Exército Após o Próximo fica simplesmente muito distante no futuro. Os civis que tomam as decisões não gostariam de esperar até 2020 para que o Exército faça substanciais melhorias em sua habilidade de reagir a uma crise.

Primeira fase (até 2005)

O enfoque para os próximos cinco anos deve ser no sentido de por em prática um processo pelo qual uma porção do Exército adquira uma capacidade de meio termo, contando com os sistemas existentes ou com aqueles que



Helicópteros Apache

se encontram no final do ciclo de desenvolvimento. Uma filosofia básica a ter em mente deve ser: “o melhor de todos é inimigo do simplesmente melhor.” A liderança do Exército terá que ser dura e não permitir que esta fase fique obstruída por um processo de testes e desenvolvimentos demorados. Nos próximos cinco anos, o Exército poderia ser capaz de realizar o seguinte:

- Converter ambos os *regiments* de cavalaria blindada para forças de uma postura média. Isso requereria a procura e aquisição de aproximadamente 1.000 novas viaturas blindadas leves sobre rodas, de vários tipos. Atualmente existem várias opções que incluem: o *Piranha*, viatura blindada leve da *General Motors* do Canadá; o *LAV-300* da divisão de sistemas terrestres e de fuzileiros navais e de viaturas de segurança blindadas da *Textron*; e as famílias de viaturas blindadas *Fox* e *Pandur*. Uma variante de canhão blindado (105mm) deve fazer parte dessa aquisição para assegurar uma considerável capacidade de apoio de fogo direto.

- Acrescentar um grupo de canhões (105mm) blindado e um batalhão blindado de transporte de pessoal, que tenha a capacidade de transportar uma brigada da 82ª Divisão Aeroterrestre ou uma brigada das divisões leves. O modelo aqui seria representado pelos batalhões de viaturas de assalto anfíbio, existente em cada divisão de fuzileiros navais. Cada um desses batalhões tem a capacidade de transportar um regimento de infantaria da divisão de fuzileiros navais, mas sem estar designado em caráter permanente para o regimento considerado, eliminando assim a carga de manutenção dos comandantes dos regimentos. Quando um regimento necessita de viaturas de assalto anfíbio, ele os recebe. Um conceito organizacional similar a este permitiria que uma brigada da 82ª ou de uma das divisões leves obtivesse o transporte necessário, caso a missão exigisse transporte de

viaturas blindadas. Isto poderia acrescentar outras 500 viaturas ao total da compra.

- Adquirir adicionais sistemas de foguetes de artilharia de alta mobilidade, de peças leves de artilharia auto-rebocada 155 mm e de morteiros leves 120mm, com avançada munição convencional. Essas armas, que podem ser transportadas por aeronaves *C-130*, seriam os meios orgânicos-chave de apoio de fogo indireto das forças médias.

- Acelerar o processo de procura e aquisição da viatura aérea não tripulada para o escalão brigada.

- Iniciar um vigoroso esforço para o desenvolvimento da próxima geração de viaturas blindadas leves, vistas atualmente como viaturas de combate do futuro, estabelecidas para ter capacidade operacional entre os anos 2015-2020.

O tamanho da frota de transporte aéreo é assunto importante, particularmente quando se considerar a quantidade de unidades do Exército que deverão ser convertidas para uma estrutura média. As unidades médias devem ser equipadas com viaturas de combate condizentes com o movimento aéreo. Um *C-17* poderia transportar um pelotão inteiro de viaturas, ao invés de um único carro de combate principal, que é o limite de um *C-17* ou *C-5*. O tamanho da frota de transporte aéreo, porém, é fator importante para o Exército quando for considerado o número de unidades médias a serem criadas. Se a Força Aérea apenas pode transportar o equivalente a uma divisão de unidades médias dentro das primeiras duas ou três semanas de uma crise, esse fator deverá influenciar no número de tais organizações que o Exército tenciona criar.

Quando o transporte aéreo é considerado, o Exército e as outras forças armadas devem estudar várias possibilidades para responder às futuras crises. Atualmente, uma grande parte da disponibilidade de transporte aéreo, dentro das primeiras duas ou três semanas críticas de uma crise de maiores proporções, é destinado ao movimento de meios da Força Aérea necessários para assegurar uma rápida superioridade aérea e dar início aos ataques de interdição contra o inimigo. Entretanto, existem muitas crises em potencial nas quais um ou dois grupos de escolta de porta-aviões da Marinha dos EUA seriam mais que suficientes para rapidamente se alcançar a superioridade aérea. Nessas circunstâncias, um maior volume de transporte aéreo poderia ser destinado ao transporte de unidades médias do Exército, já que possivelmente uma combinação de caças da Marinha e bombardeiros de longo alcance da Força Aérea poderiam ser suficientes para proporcionar todo o apoio aéreo necessário.

O transporte marítimo rápido também é um meio viável para transportar forças médias. Barcos de travessia de quarenta nós já são encontrados em serviço pelo mundo afora; o batalhão mecanizado australiano enviado ao

Timor Leste foi transportado por este tipo de embarcação. Até o ano 2005 deverão existir embarcações da classe 40 nós capazes de realizar viagens transoceânicas em quase todos os mares. Alguns poderiam ser usados para o transporte de forças pesadas tradicionais, mas as unidades médias, que apresentam menores exigências logísticas, talvez sejam a melhor opção para emprego inicial numa crise. As viaturas sobre rodas dessas forças teriam facilidade embarque e desembarque dessas velozes embarcações (*roll-on/roll-off*).

Para que fossem conseguidos os recursos necessários para tudo o que foi dito acima, a liderança do Exército teria que convencer o Gabinete do Secretário da Defesa e o Congresso, que tal manobra estratégica em muito aperfeiçoaria a habilidade da Força para o desempenho de missões do tipo expedicionária. Também teria que mobilizar o apoio do Congresso, do Gabinete do Secretário da Defesa e da Junta de Chefes de Estado Maior, argumentando que o Exército deve inovar ou, caso contrário, irá lentamente fenecer. Portanto, o Exército deverá ficar em melhor posição estratégica e política para avançar em sua petição por mais recursos durante a próxima revisão quadrienal da defesa.

Mesmo com algumas liberações orçamentárias, a liderança do Exército terá que fazer difíceis escolhas. Para poder bancar o programa de blindados leves, os principais programas da força pesada teriam que ser adiados ou abreviados. Primeiro, os programas de modernização do carro de combate principal *Abrams* e da viatura de combate de infantaria *Bradley* teriam que ser reduzidos ou prolongados no tempo. Apesar de termos sugerido a conversão dos *regiments* de cavalaria blindada (apenas um deles é pesado), uma divisão pesada também poderia ser convertida para uma estrutura média. Nesse caso, a menor necessidade em modernizar os *Abrams* e *Bradleys* liberaria recursos para as novas viaturas blindadas leves. Segundo, o programa *Crusader* deveria ter seu escopo reduzido, bem como deveria ser estendido por um período mais longo de tempo. O enfoque a curto prazo deveria ser no investimento em sistemas de foguetes de artilharia de alta mobilidade, peças leves de artilharia auto-rebocada 155mm e sistemas de morteiros e canhões leves 120mm.

Segunda fase (2005-2015)

Com base nos testes operacionais e na experiência ganha com a conversão das primeiras unidades, uma ou mais das divisões leves poderiam ser convertidas à estrutura média. Também seria prudente equipar uma ou mais brigadas da 101ª Divisão Aeroterrestre (Assalto Aéreo) com viaturas blindadas leves durante esse período, possivelmente usando o modelo tipo viaturas de assalto anfíbio sugerido para a 82ª Divisão Aeroterrestre. Uma decisão estratégica teria de ser tomada para equi-

par essas divisões com versões modernizadas das viaturas blindadas leves adquiridas na primeira fase ou esperar pela próxima geração de sistemas após o ano 2015. Obviamente, a decisão dependeria da velocidade e do sucesso na transformação do primeiro grupo de unidades da primeira fase.

Dependendo de quantas unidades e da rapidez que o Exército deseja se mover para obter as forças médias, algumas decisões importantes relativas à modernização a longo prazo da força pesada teriam que ser feitas. Por exemplo, se um eventual substituto de 40 a 50 toneladas para o *Abrams* fosse considerado, a decisão para isso deveria ser adiada para ser feita entre os anos 2005-2015. Até lá o Exército deve aprender muito sobre forças médias, quando então poderá ter várias brigadas operacionais de médio porte.

Este período de aprendizagem seria muito importante. Quando o Corpo de Fuzileiros Navais incorporou a viatura blindada leve nos finais da década de 80, ele precisou de vários anos para se adaptar à nova capacidade. De início, os fuzileiros navais batizaram seus novos batalhões de unidades de viaturas blindadas leves; depois, infantaria blindada leve e, finalmente, de batalhões leves blindados de reconhecimento. A troca de nomes e funções exemplifica o longo período necessário de aprendizagem para tornar popular e consolidar o papel das unidades de viaturas blindadas leves. O Exército provavelmente irá precisar de muitos anos de experiência prática para determinar os pontos fortes e fracos de suas novas unidades médias.

Terceira fase (2015-2020)

Por volta do ano 2016, a era pós Guerra Fria terá 25 anos, e certamente algumas das principais probabilidades identificadas atualmente terão se tornado realidade. As pessoas da época do “*baby boom*” estarão se aposentando. A China, Índia e Rússia permanecerão os três grandes estados de transição da Eurásia. É provável que apenas a China possa emergir como um sério competidor político militar. A Rússia pode degenerar-se em meio a uma porção de poderosas empresas comerciais criminosas. A Índia poderá ou não ser um de nossos mais fortes aliados perante a China. A difusão de mísseis QBN poderá continuar crescente. Os espaços siderais e virtuais poderão se tornar os palcos principais de operações ofensivas e defensivas. Corporações multinacionais de alto desempenho que exploram a terceira geração do espaço virtual deverão dominar a economia global. Essas corporações serão um meio para a difusão de tecnologias de armas e sistemas avançados para o mercado global. A

revolução na biotecnologia terá alcançado uma maturidade inimaginável, e a nano-tecnologia para usos militar e civil emergirá rapidamente. A era do petróleo poderá estar chegando ao seu fim, com a exploração total de sistemas de células de combustível, gás natural e turbinas movidas a vento. Dentre esse ambiente de segurança internacional tão diferente, o Exército terá de implementar a transição real para o Exército Após o Próximo. Será o Exército uma mistura de forças leves, médias e pesadas, ou se deslocará em direção a uma nova geração de forças de médio porte? Uma pergunta central permanecerá: poderá o Exército tornar-se o elemento principal em futuras operações expedicionárias envolvendo todas as forças armadas?

Por volta de 2015-2020, a futura viatura de combate deverá fazer parte do inventário do Exército. Caso a força média esteja criada por volta do ano 2005, o Exército já teria tido mais de uma década para aprender sobre este tipo de força antes da chegada dessa futurística viatura. Junto com os desenvolvimentos da frota de transporte aéreo, por volta de 2015, o Exército deverá ter uma idéia melhor sobre as capacidades dessas unidades e saber se haverá necessidade de criação de mais delas. Se importantes inovações forem feitas nos sistemas de proteção de viaturas leves ao redor de 2015-2020, o Exército talvez possa começar a equipar todas as suas forças blindadas com uma futura viatura de combate mais leve. Ainda é muito cedo para determinar o potencial a longo prazo das unidades médias, mas por volta do período da terceira fase as possibilidades tecnológicas serão bem mais compreendidas.

O Exército encontra-se agora numa encruzilhada. A atual estrutura tipo “haltere” limitou sua capacidade de rapidamente desdobrar significativas forças de manobra terrestre no Golfo Pérsico, na Somália, Bósnia, Albânia e Kosovo. O Exército não pode assegurar que venha a ter acréscimos em forças ou recursos fiscais. Apesar de que o Gabinete do Secretário da Defesa e o Congresso talvez possam providenciar recursos adicionais, é quase certo de que o Exército terá que se valer de sua própria estrutura e de seu plano de modernização para obter uma boa parte, senão a maioria, dos recursos necessários para incorporar as unidades médias à sua estrutura de força.

Os autores têm lutado pela criação de forças médias antes do ano 2005. Esta sugestão destaca a opção pela viatura sobre rodas; outros poderão e irão sugerir viaturas sobre lagartas ou uma combinação de ambas. Apesar de que cada opção tem seus pontos contra e a favor, o Exército tem de rapidamente avaliar as possibilidades e decidir por uma linha de ação exequível, para o seu próprio benefício, e o da nação. **MR**

John Gordon IV e Peter A. Wilson são analistas da RAND Corporation, tendo seu escritório sediado em Washington, DC. Gordon é um ex-oficial do Exército dos EUA.